

BÓKU MÓGORÉGE (habitantes do cerrado):

O reencontro da mitologia das mulheres BOE (BORORO)



Dagmar Omo Talga

Resumo

Neste artigo, fruto de uma pesquisa de doutorado em andamento que visa compreender a mitologia das Mulheres Boe (Bororo) na produção partilhada do conhecimento, trazemos as primeiras aproximações da temática a partir do diálogo com mulheres a fim de pensar as relações entre os diferentes papéis da mulher Boe (bororo) considerando sua estrutura social matrilinear. Apresentaremos neste ensaio, as reflexões a partir de autoras e autores e das palavras das Mulheres originárias, que nos permitem compreender o lugar da mulher Boe a partir da cosmovisão Bororo, e, analisar sentidos e significados atribuídos às mulheres na sociedade Bororo, considerando toda a especificidade da organização social e cultural do povo, cuja estrutura social é centrada na mulher.

Palavras-chave:
Mulheres Boe (bororo); Bororo; Mulher; Sociedade Matrilinear.

Resumen

Este artículo, resultado de una investigación doctoral en curso, cuyo objetivo es comprender la mitología de las mujeres boe (Bororo) en la producción compartida de conocimiento, presenta las primeras perspectivas sobre el tema a través del diálogo con mujeres. Este artículo explora las relaciones entre los diferentes roles de las mujeres boe (bororo), considerando su estructura social matrilineal. Este ensayo presenta reflexiones de autoras y palabras de mujeres indígenas, lo que nos permite comprender el lugar de las mujeres boe desde la cosmovisión bororo y analizar los significados atribuidos a las mujeres en la sociedad bororo, considerando la especificidad de la organización social y cultural del pueblo, cuya estructura social se centra en las mujeres.

Palabras-clave:
Mujeres Boe (Bororo); Bororo; Mujer; Sociedad Matrilineal.

1. Introdução

Este artigo apresenta duas edições do Projeto de Intercâmbio Intercultural desenvolvido em diálogo intercultural entre escolas indígenas e escolas não indígenas. Trata-se de um projeto inserido como parte do programa da Semana dos Povos Indígenas (SPI) e que teve sua primeira edição na Semana em 2023.

A Semana corresponde a um evento abrigado pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA-PUC/GO) desde 1971. Desde 2021 vem contando com a parceria da Uni

versidade Estadual de Goiás (UEG-Quirinópolis), e desde 2023 com a parceria das Universidades Federal de Uberlândia (UFU) e Federal do Mato Grosso (UFMT) possibilitando o alargamento dos diálogos e a participação de outras instituições.

A Semana dos Povos Indígenas PUC-Goiás é um evento que tem como eixo aprofundar o debate sobre os problemas, as lutas e os desafios enfrentados pelos povos originários no Brasil. Durante mais de 40 anos, a PUC-Goiás, em parceria com outras instituições e organizações, tem organizado essa semana de atividades, palestras, debates e eventos para promover uma maior compreensão da situação dos povos indígenas e buscar forma de apoio à suas causas.

O espaço da Semana proporciona a interação entre indígenas, escolas da educação básica, universidades e a esfera pública em geral. Durante a Semana dos Povos Indígenas, são discutidos temas como direitos indígenas, preservação cultural, questões territoriais, políticas públicas, violência contra as populações indígenas, resistências e protagonismos e outras questões relevantes para os povos indígenas no Brasil. Além disso, a Semana dos Povos Indígenas pode servir como uma oportunidade para promover a conscientização e sensibilização sobre as questões enfrentadas pelos povos indígenas, bem como para mobilizar apoio e solidariedade em relação às suas demandas.

O artigo objetiva apresentar discussões sobre: a interculturalidade para estudantes não indígenas; interculturalidade crítica no Ensino de História; a proposta do Projeto de Intercambio Intercultural por nós desenvolvido durante dois anos consecutivos (2023 e 2024); a participação das escolas envolvidas; as etapas do projeto e um relato de experiência da professora Misile Souza da Silva que atua da rede pública da Educação Básica da cidade de Uberlândia. Numa fala à *Civilização Brasileira*, o novelista Manuel Scorza (1980), resumiria, de maneira antecipatória, o que esta proposta de pesquisa se esforça em construir com as mulheres Boe (Bororo), partindo basicamente da aldeia Meruri e as demais que gravitam em torno dela, no município de General Carneiro, no Mato Grosso: só os mitos (e com eles) as culturas ameríndias foram e são capazes de superar as feridas metafísicas que se constituíram nos processos da conquista, bem como com a Marcha para o Oeste, enquanto ações guerreiras, também de conquista, e o agronegócio e suas monoculturas, que levaram à uma *sojificação* das sociedades (Rocha, 2020) no país.

Apoiadas em falsas narrativas do progresso, justiça social e da necessidade de se incorporar ao progresso irmãos e irmãs abandonadas/os no sertão (apud Doles, 1978) seriam, de fato, bases guerreiras atualizadas das estratégias de apropriação de territórios e suas imensas riquezas nos cerrados centrais e, agora, a Amazônia. A república, portanto, não só repete o roteiro desse confisco sobre interior do país, mas, na tentativa de submetê-lo, pela guerra contínua de baixa e, às vezes, de alta intensidade, e, assim, à toda recusa ou proposta de outro projeto de sociedade ou de existência (Rocha, 2020, p.75).



É preciso pensar em um arcabouço, teórico, ideológico e teológico, capaz de justificar esta ação guerreira, modernizada a partir do Projeto Polocentro¹ que abriu caminhos, incluindo com a ação do exército, na conquista e agora na limpeza de área, para a revolução verde e seu agronegócio subsequente, com massacres de posseiros(as) (Kotscho, 1981), ribeirinhos(as) e povos originários (Martins, 1981). Quadro em que ações missionárias religiosas e civilistas-militares - a exemplo de Rondon - foram determinantes em não só construir este pano de fundo, que justificasse a conquista, como também responsáveis no elaborar simbólico que continuasse, como pretendia as políticas jesuíticas com sua escola, para moldar a alma das crianças originárias (Mignolo, 2004).

Violência simbólica que revela as pontas desta profunda ferida metafísica nos goles intermináveis e corrosivos da cachaça, na desarticulação das bases ancestrais da vida familiar e coletiva e as tentativas de se remodelar o imaginário de povos originários. A dificuldade das crianças em (re)aprender e reencontrar a compreensão do que comporta o falar a língua materna, contexto doloroso na ferida metafísica que não está ainda superada, afinal, “a língua é portadora de conhecimento” (Mignolo, 2004).

Formulações, complexas e bem elaboradas, que não só surpreenderam Lévi-Strauss, assim como marcaram, para sempre, toda evolução do seu pensamento, assim como admitiu:

Mas os Bororo não me ofereciam apenas a contemplação de um espetáculo maravilhoso. Todo meu pensamento teórico, como se desenvolveu ao longo dos últimos trinta anos, conserva o cunho daquilo que me pareceu compreender no meio deles: como uma sociedade humana pode tentar unificar em um vasto sistema, ao mesmo tempo social e lógico, o conjunto das relações de seus membros entre si e das que mantêm, em grupo, com as espécies naturais e com o mundo físico que os envolvem. Com efeito é com os Bororo que aprendi que certas formas de pensamento, aparentemente tão diferentes das nossas, são, todavia, capazes de analisar e classificar fenômenos, de abstrair suas propriedades comuns e de elaborar uma visão do mundo com alcance verdadeiramente filosófico (Lévi-Strauss, 1976).

Portanto, é no reencontro com a ancestralidade mítica como algo vivido e (com) partilhado nos cotidianos das comunidades Boe, assim como de mulheres e homens, que será possível avançar rumo à tentativa de cura das feridas metafísicas, de ontem e de hoje. Despistando a dor e o sofrimento, ainda assim, é fundamental compreender, como elemento de superação teórica e humana, no caso desse povo, os estragos dessa violência do Estado em nome do capital e de suas burguesias locais, como é comum nos Estados em que estas nações originárias vivem e resistem em manter seus territórios:

¹ O Projeto POLOCENTRO foi um programa do governo brasileiro que visava promover a ocupação e desenvolvimento do Cerrado através da expansão da fronteira agrícola, especialmente com a pecuária e a produção de grãos. Embora tenha impulsionado a produção agrícola na região, o POLOCENTRO também contribuiu para o desmatamento e a degradação do Cerrado. Ver: TUBINO, Najar. *Crônica da destruição do cerrado*. Articulação Nacional de Agroecologia. Disponível em: <<https://agroecologia.org.br/2015/03/03/cronica-da-destruicao-do-cerrado/>>. Acesso em: 02 de jul. 2025.

Ora, pela repressão, com prisões e torturas ora, pela limpeza do terreno de camponeses e povos originários, ou, ainda, pela decorrente ampliação calculada da Amazônia legal. O conhecimento, então, torna-se um guia, “la conscience politique de l’Etat”, diria Haushoffer, ao repetir, agora, as ambições e equívocos do espaço vital, vazios. A geopolítica passa a ser a disciplina que “étudie comment la géographie et la distribution de l’espace imposent ou tout au moins suggèrent une politique déterminée d’Etat” (Silva apud Mattelart, 1979: 258) e seus métodos (Rocha, 2020, p. 81).

Ou seja, ainda,

É claro que os índios, assim como o negro, terão que desaparecer um dia entre nós, onde não formam “quistos raciais” dissolvidos na massa branca, cujo afluxo, é contínuo e esmagador; mas do que se trata é de impedir o desaparecimento anormal dos índios pela morte, de modo o que a sociedade brasileira, além da obrigação que tem de cuidar deles, possa receber em seu seio a preciosa e integral contribuição do sangue indígena de que carece para a constituição do tipo racial, tão apropriado ao meio, que aqui surgiu (Vasconcelos 1939, p. 34 apud Garfield, 2000. P. 6).

Evidente que as *boku kejewuge*, enquanto *donas(os)* e moradoras(es) do sócio-bioma cerrados, há milhares de anos, não só impuseram suas marcas como se constituíram, também, num processo de co-evolução ao contrário da gêneses, que entregou um mundo pronto, mas, co-evoluiram e co-criaram, num gesto de criaturas e criadores(as) o seu sócio bioma, os cerrados. Deste gesto de co-criação, também, se constituíram como parte e eixo determinante do grande ancestral que se apresenta hoje, os cerrados.

Assim, *mullier/homo cerratensis* (Rocha, p. 75), são criadoras(es) e criaturas, de um sócio bioma que só, na trajetória e falas sagradas (Clatres, 1990), de suas histórias ancestrais, seria capaz de se dizer (narrando-se), e de ser compreendido(a) em sua quase totalidade para quem, com certo atrevimento acadêmico, ousa se apresentar para compreender e, na sequência, explicar o que aprendeu, como sugere Bourdieu (1994). O desafio, assim, para quem pesquisa, seria fazer um tipo de mergulho na cultura e/ou civilização boe/bororo, tarefa só possível se contar com a compreensão e participação de suas mulheres.

2. Mais que uma palavra de mulheres, uma sociedade matrilinear

Na sociedade boe (bororo), apesar das visíveis contradições de um presente com tentativas desarticuladoras, enquanto políticas (não)públicas e contágios do veneno simbólico (Talga e Rocha, 2011) do machismo, da chamada *sociedade envolvente*, a mulher ainda ocupa uma posição eminente, o que lhe confere o direito de precedência e, assim, toda descendência pertence e/ou se encaixa à uma linha materna. Ou seja, depois de nascer, a criança pertence e recebe

um nome do clã da mãe. Desta maneira, terá “direito à cidadania Boe (bororo) todo(a) o(a) nascida(a)² de mulher Bororo” (Soares, 2008).

A mulher, então, é portadora e guardiã da cultura e dos conhecimentos tradicionais, guardiã das nascentes e das sementes. E, inclusive, de conhecimentos às vezes exclusivos e, sobretudo, da medicina coletiva e comunitária, ainda que quase nunca isto é falado. Figura central da cultura, ela, por isto, e, ao mesmo tempo, se habilitou como importante interlocutora entre o mundo *não-boe-bororo*. Toma as iniciativas, assume as suas interfaces com trabalho contínuo e organizado (a exemplo, agora, do retorno das lavouras comunitárias tocadas apenas pela Associação Areme de mulheres), poder e participação política na comunidade e nos diálogos externos.

A natureza é mulher. As culturas originárias são matriarcais. A língua é matriarca, a natureza é mulher. A mulher indígena é muito comparada à natureza, porque é geradora da vida. Só que, quando entra o pensamento colonizador (nas aldeias), e chega o machismo, muitas mulheres no território vão sofrer violência, sofrer controle do marido, porque têm medo que elas saiam, que ela vá para política, que ela vá pra fora, pra lideranças do movimento. Hoje em dia, a maioria das lideranças que nós temos hoje no Brasil são mulheres (Tupinambá apud Pires, 2022, março 8).

A mulher boe (bororo) é portadora, ainda, no seio de sua nação e/ou no que se define como cultura brasileira, de uma concepção emancipadora nas suas relações pessoais, livre do sentimento de culpa, que tanto marca a também definida civilização ocidental, que antecede, em muitos aspectos, as lutas libertárias das mulheres em todo mundo. Assim, as culturas cerradeiras se constituíram, de maneira determinante, pela “liberdade ilimitada dos cerrados, decisiva também na configuração de diferenças civilizacionais marcantes face ao corpo, à culpa e, em certo sentido aos prazeres da existência” (Rocha, 2020, p. 60).

A civilização ocidental deve supor a privação corporal, porque os impulsos que de uma outra maneira levaria a um investimento erótico desviado em direção de estranhos [...]. A culpa, segundo Freud, é o problema mais importante no desenvolvimento da civilização: o preço que pagamos em nossos avanços é uma perda da felicidade pela intensificação desse sentido de culpa. Entre os Bororo, apesar da estreita convivência com o branco, parece ser diferente. O sistema matrilinear dá liberdade à mulher para escolher os homens com quem deseja ficar e se livrar daqueles que lhes fizeram algum mal, sem maiores preocupações, sem sentimento de culpa. Os complexos de Édipo e de Electra que tanto atormentam, principalmente a civilização ocidental cristã, parecem não atormentar aos Bororo (Carvalho, 2006, p. 9).

² A ousadia da questão de gênero, no caso, cabe à pesquisadora em respeito à mulher e ao seu papel ancestral na sociedade boe (bororo).



Possibilidades, contradições e silêncios (históricos e epistêmicos) que, talvez, só podem ser faladas(o) de maneira coletiva, nas rodas de conversa, nos ciclos femininos em que as palavras de mulheres se sintam seguras e livres para narrar suas histórias e as coisas de seu povo, que, como reconhecem, são, também, de toda humanidade. As palavras sagradas e as trajetórias de suas histórias ancestrais nas falas de mulheres da aldeia de Meruri, se articulam, como extensão, oralidade e o corpo que fala, na leveza ou na rudeza, nos traz para a realidade absoluta de Brasis real, organizado coletivamente.

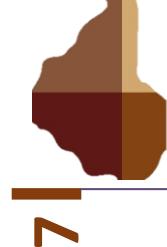
3. Boe Ancestral: Réma (em verdade)

Para a antropóloga Daiara Tukano, “o corpo indígena, desde sempre não reconhecido pelos Estados e pela história, resiste, e, sua desobediência é epistemológica” (2020). O que abre uma fenda imensa, do ponto de vista teórico, para este mergulho no universo das histórias ancestrais boe (bororo), nas falas das mulheres de Meruri e das aldeias vizinhas, como estimula a ousadia desta pesquisa, ancorada ainda na sua visão de que “nós nunca fomos colonizados” (2019, abril, 07). O que sugere uma reflexão inicial que poderá, com a pesquisa, ser confirmada ou negada: ao articular oralidade e corpo, no reencontro com essas histórias, fortalecendo as narrativas femininas na comunidade e, dela, como o mundo não boe-bororo.

A mitologia do Povo Boe (Bororo) está fortemente representada na figura feminina. Tal processo reflete-se nos saberes e fazeres desse povo, desde a organização social matrilinear até as práticas cotidianas relacionadas aos cuidados com a casa, com a saúde, com a alimentação, entre outros elementos sociais e culturais. Nesse contexto, a expressão da mitologia no mundo feminino, situa as mulheres na centralidade dos processos de resistência do povo indígena Bororo, da Terra Indígena de Meruri.

De acordo com Paulo Suess (2016)³, são os povos originários que sustentam e dão sentido às diferentes formas de organização social de centenas de povos e culturas da América Latina, a partir dos princípios da reciprocidade entre as pessoas, da amizade fraterna, da convivência com outros seres da natureza e do profundo respeito pela terra, “os povos indígenas têm

³ Entrevista realizada em 2016 com Paulo Suess, como parte da captação de imagens para o filme longa metragem “O Voo da Primavera”, produzido pela autora e lançado em 2018 no Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental – FICA, na cidade de Goiás.



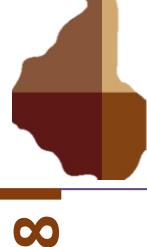
construído experiências realmente sustentáveis que podem orientar nossas escolhas futuras e assegurar a existência humana". O autor argumenta que são estes povos que têm nos ensinado que, para construir o Bem Viver, as pessoas devem pensá-lo para todos e todas. Isso significa dizer que é preciso combater as injustiças, os privilégios e todos os mecanismos que geram a desigualdade, assim, conforme Suess, a “causa” indígena se vincula com a “causa” dos(as) pobres e marginalizados(as) e, desse modo, não deve ser pensada como uma questão à parte, desvinculada dos grandes desafios do mundo contemporâneo.

Um dos grandes ensinamentos que os povos indígenas têm transmitido, desde tempos imemoriais, é o de saber conviver com a Mãe Terra, dedicando-lhe respeito, amor e profundo zelo. Para eles a terra é mais do que simplesmente o lugar onde se vive, ela é sagrada, é capaz de fazer germinar e de acolher plantas, animais e uma infinidade de seres vivos, além dos humanos, compondo assim ambientes onde a vida frutifica em todo o seu esplendor. “Nós somos a natureza, nós somos a terra, ela é nossa mãe” (Dolcilene Rikbaktsa, 2019)⁴.

No entanto, esse modelo ancestral de vida está na contramão de um modelo de desenvolvimento, que considera a terra e a natureza apenas como insumos para a produção de mercadorias de rápido consumo e, mais rápido ainda, o descarte. É para sustentar o modelo capitalista que os governos e as grandes corporações priorizam os mega investimentos, as grandes barragens, a exploração mineral, as monoculturas que degradam o ambiente e envenenam a terra, as águas e todos os seres da biodiversidade, e, principalmente propicia o genocídio das comunidades originárias e tradicionais. Diante desse sistema que gera tamanhas injustiças e desigualdades, os princípios da vida dos povos originários, cultivando relações de reciprocidade, respeito e valorização de todas as formas de vida, lutam com as alternativas, contra esse sistema opressor e de morte.

A vida do Povo Boe (Bororo), como os rituais e suas histórias ancestrais presentes nas cosmologias cerratenses, suas redes de relações que envolvem os seres, naturais e sobrenaturais, integrando a vida como um todo, coexistindo maneiras distintas de pensar e de viver, onde as cosmologias não se confundem e nem podem ser contidas dentro da lógica materialista e mercadológica, com a qual estamos habituados(as). Neste sentido, as cosmologias dos povos indígenas não podem ser reduzidas às formas ocidentais de pensar e de ordenar o mundo.

⁴ Entrevista realizada em 2019 com Dolcilene Rikbaktsa, na aldeia Curva, no território Rikbaktsa, como parte da captação de imagens para o filme longa metragem “Rikbaktsa Soho”, produzido pela autora e, ainda em fase de produção.



4. Povo Cerratense: Boe – rí – resistência

Habitantes do Planalto Central no Estado de Mato Grosso, região Centro-Oeste do Brasil, o Povo Boe (Bororo) encontra-se atualmente de acordo com a Fundação Nacional dos Povos Indígenas - FUNAI, distribuídos(as) em 11 aldeias, situadas em cinco Terras Indígenas já demarcadas, Tadarimana, Tereza Cristina, Jarudori, Meruri e Perigara (FUNAI, 2023). A língua falada é a bororo, do tronco linguístico Macro-Jê, e sua autodenominação é “Boe”, que tem por significado: gente, pessoa humana.

Mário Bordignon (1986), descreve que a população Boe (Bororo) foi considerada a maior nação indígena no Brasil, ocupando, aproximadamente, 400 mil km². Além do amplo território e de grandes enfrentamentos com as Bandeiras e “colonizadores”, esse povo foi habitante de toda a região que compreende a atual Baixada Cuiabana e Cáceres, na fronteira do Brasil com a Bolívia. Segundo o autor, apesar de muita luta e resistência, seu território foi reduzido drasticamente e sua população foi quase dizimada ao longo de três séculos. Hoje, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE, realizado no ano de 2022, sua população conta com cerca 2.795 pessoas. Acredita-se que, antes do contato com o não indígena, o povo Boe (Bororo) chegou a somar 10 mil pessoas que viviam, sobretudo, da pesca, caça, coleta de frutas e dos produtos de pequenas roças de milho, mandioca e fumo.

A organização do povo Boe é dividida em duas metades distintas, denominadas Ecerae e Tugarege, deste modo, cada uma delas é composta por quatro clãs, e cada clã possui três subclãs. Caiuby Novaes (2006, p. 284) afirma que, “de todos os eventos que marcam o ciclo da vida entre os Boe (Bororo), a morte é, certamente, a mais celebrada. Não há vida sem morte nessa sociedade”, e, portanto, as cerimônias podem se estender até três meses, quando ocorre o enterro definitivo dos ossos, evocando as almas de antepassados(as) e de heróis ancestrais.

Uma cultura tão rica e exuberante, como constatou Darcy Ribeiro, depois de estudada por tantos autores e autoras durante todo o século XX, não poderia deixar de escutar a voz das mulheres por meio de uma linguagem que contemple a imagem em movimento. Imagem esta, que é produtora de sentidos, capazes de propor narrativas que se aproximem mais das raízes da oralidade. Porém, de forma mais lúdica e participante por parte da comunidade feminina.

Relembrando uma compreensão histórica da mitologia registrada na primeira metade do século, inicialmente por Antônio Colbachini, em seguida por César Albisetti e organizada por Angelo Venturelli, no início da segunda metade do século XX, trabalho que deu origem ao

segundo volume da Enciclopédia Bororo, dedicado exclusivamente à Mitologia. Sobre a história e Cultura Boe (Bororo), os principais autores que estudaram essa cultura, como Batelli (1968); Crooker (1967, 1976); Florestan Fernandes (1946); Ferraro Dorta (1978); Tekla Hartman (1967); Levak (1971); Melo Rego (1895); Montenegro (1963); Sylvia Caiuby (1979, 1986); Presotto (1973); Steinen (1940); Vierterler (1976, 1978); Egon Shaden (1989), e, mais recentemente, Mário Bourdignon, Gonçalo Ochoa, Aivone Carvalho, Sérgio Bairon, Fernanda Kaigang, Juvana Xakriabá, e, outros(as), bem como as dissertações de mestrado, doutorado dos e das educadoras Boe (bororo) da aldeia de Meruri.

5. Arédo Muga (Mulher Mãe): Maria Pedrosa Urugureudo

De acordo com o conceito de Justiça Restaurativa (Boin Aguiar, 2019), na qual se entende por um conjunto de princípios e práticas, que, por meio da participação, engajamento e deliberação, possibilitam construir a justiça de forma coletiva, concebendo justiça, ressaltando os seus valores humanizantes, relações, a responsabilidade individual e coletiva, o trato ao dano e a fortalecimento da comunidade, e, conforme o conceito de Alterciência (Matuck, 2022), que indica um novo paradigma que reconhece o ser humano em sua complexidade social, artística e intelectual, envolvendo suas áreas biológica, tecnológica, científica, espiritual e afetiva, como sujeito de um novo conhecimento, transcendendo o fisicalismo típico da ciência moderna, mas, sem negar fatos científicos, e, na perspectiva dentro da experiência em desenvolvimento em Meruri da Produção Partilhada do Conhecimento, ou “*Panure Paerodue Puibagi*” (expressão criada pelos(as) Boe (bororo), como uma metodologia que une Universidade e Comunidade, e que visa, a construção conjunta do conhecimento. Neste sentido, mergulhamos na ancestralidade da “Mãe das almas”, Maria Pedrosa Urugureudo⁵, de 61 anos.

Eu me chamo Maria Pedrosa, em português, na minha cultura, na minha tradição, na minha origem, eu me chamo **Urugureudo**. é sempre bom ter gente aqui buscando experiência, buscando conhecimento, buscando as pessoas que não conhece pra poder conhecer, pra poder saber viver, falar, não só olhando assim no filme, na TV. Mas assim presente é muito mais forte. As vezes vocês já me conhecem por aí, ou já escutaram meu nome, mas nunca me viram, não me conhecem. E agora esse momento, de nos tamo tudo unido aqui, me conhecendo, sabendo quem eu sou, que etnia eu sou. Buscando a sabedoria minha, pra poder levar pra frente. Eu fico muito feliz, eu gosto

⁵ Gravação e Transcrição realizada pela autora com tradução de Idelfonso Boro Kuoda da Palestra proferida por Maria Pedrosa Urugureudo na roda de conversa no dia 15 de setembro de 2023, como parte da programação da Disciplina Geografia e Comunicação, ministrada pelo PPGEO/UEG em parceria com o Coletivo Magnífica Mundí e o PPGHDL/FFLCH – USP, de 14 a 18 de setembro de 2023, na Aldeia Meruri, Município de General Carneiro/MT.

muito disso. Porque que falo isso? Porque nossos antepassados eles acabaram sem deixar uma coisa clara assim, por que? Porque, não sabem transmitir o conhecimento deles, e quem transmitia a língua bororo, também não sabia direito. Então tem muita coisinha que ficou assim, mal dá pra entender. E por isso agora, que eu, as pessoas que vem atrás de mim, procurar, saber se as crianças daqui, se os meninos, como são. O que eu sei eu passo, o que eu posso ajudar, eu ajudo. [SIC] (Informação verbal, Maria Pedrosa Urugureudo. Aldeia Meruri/General Carneiro - MT. 2023).

Na continuidade,

[...] Porque um dia eu não vou tá mais aqui, um dia eu não vou poder tá falando o que posso falar hoje, porque ai vem os netos, bisnetos, que precisa também de saber. Precisa conhecer, precisa entender, precisa saber a grandeza que que uma etnia Boe Bororo tem. Porque Bororo não é Bororo, é Boe. Mas assim, 'pra dar conhecimento pra aquele povo, puseram Bororo. Mas não é Bororo, é Boe. Então a gente assina Boe Bororo. Porque Boe é original, e Bororo foi pra conhecer aquela etnia. E até hoje continua desse jeito. Só acrescentemos mais o Boe. Boe pra todos, pessoas, gente. Bororo é um pátio daquele central ali. Aquilo ali que chama Bororo, aquilo lá. Pra nós chegar aqui, por isso que falo, essa terra, é abençoada, por Deus e Nossa Senhora. Que na nossa cultura, na nossa tradição, também tem Deus e Nossa Senhora. Que Deus ele se chama **Pemo** na nossa língua. E nossa Senhora, o primeiro nome dela é? O que quer dizer **Arogiareudo** uma mulher de luz. Uma mulher em forma de uma luz. Por isso que essa terra é abençoada por Deus pra Nós Boe. Todos que vem aqui na nossa terra toma nossa agua, ela sai daqui abençoada. É uma agua santa, é uma agua santa. E nunca mais esquece de nós. Então cada um de vocês vai prestar atenção se eu to falando a verdade. Quando eu falo da minha cultura, da minha tradição, do meu povo, eu não só conto ela, eu vivo ela. Eu vou viajando ela. Como é bom demais recordar os tempos passados. Como é bom demais saber quem eu sou, é bom demais saber quem foi meu pai, quem foi minha mãe, quem foi meus avós, meus avôs. Bom demais. Hoje eu também sou avó, hoje também tô falando aqui. [SIC] (Informação verbal, Maria Pedrosa Urugureudo. Aldeia Meruri/General Carneiro - MT. 2023).

A cosmovisão Boe, sustentada e marcada pela linha matrilinear, percorre a sobrevivência de um povo marcado pelo genocídio e atrocidades ao longo de mais de três séculos de contato, e que até no tempo presente, as feridas desse contato, seguem sendo mascaradas, sem destino e esfaceladas.

[...] A nossa chegada foi aqui nos **Tachos**. Aí que os Bororos chegaram, os Boe chegaram aí. Eles vieram de lá, de Goiás. Chegaram aqui na Barra do Garças, e atravessaram o rio pra cá. Naquele tempo os Bororos eram guerreiros, hoje não vê mais Bororo brigar. Bater, mata ninguém. Hoje viremos umas pessoas tão devotos que não tem coragem de matar mais nenhum mosquito. Mas até aí, viemos e vivemos desse jeito. Uma tia minha conta que aquele morro de Barra do Garça, ali naquele Morro tem um buraco, na pedra, de fora a fora, que foi aonde os Bororos atravessaram pra esse lado de cá, correndo dos povos que vinham guerriando com eles. Porque que eles fizeram isso? Naquele tempo era muita gente, então tinha um grupo que cuidava das mulheres, crianças, outro grupo ficava guerriando. Esse grupo que ficava guerriando, que se chama **tugobaigare, tugobaigareuge**. Aí tinha esses que cuidavam das mulheres, esse grupo aí que atravessaram nós pra cá. Desse morro, diz que tá lá, eu nunca fui lá pra ver. Ai de lá atravessaram pra cá e vieram acampar aqui nos **Tachos**. Ai foi aí que a missão Salesiana chegou procurando os Boe, aí começou outra vida nossa dos Boe. E foi também a visão dos Boe, bem aqui nos Tacho. Ai o que aconteceu? Esse povo que andava ao redor cuidando do Boe, descobriram que tinha gente diferente ali perto deles. Então eles se uniram, os chefes, eles uniram o povo, conversaram, trocaram as ideias, marcaram a hora de atacar eles, acabar com todos eles que tavam ali. Ai quando foi a noite, teve um sonho, sonhou com Nossa Senhora auxiliadora, que



era essa mulher luminosa que eu falei no começo. Que ela tava com o filhinho dela no braço, e esse filhinho dela era bem pequeno. Ai então ela pediu pra ele, no sonho dele que ele não matassem esse povo que tava ali, que esses povo vieram pra morar com eles, que esse povo era os filhos dela, que eles não iriam fazer mal pra eles. Então não era pra eles matarem eles. No sonho ela conversou com ele, e, não foi em português não, foi na língua Boe. Ai no outro dia ele explicou pro povo que ele tinha sonhado, mas já tava marcado a hora. Porque nós, na nossa cultura é assim, não tem amanhã, não tem outra hora, não tem depois, não tem. É sim, sim, não, não. Assim é a nossa cultura Boe, nossa tradição. E já tava marcado, então eles foram. Iam pegar a missão salesiana na mesa comendo, jantando. Aí os Boe cercaram eles, nós fala **Bakure**. Pra matar eles, e não deixar ninguém escapar. Aí ele pediu que ele fosse primeiro lá. Pra eles vê como que eles iam fazer. Aí ele ia dar sinal, ai todo mundo ia juntar pra pegar eles. E esse sinal que ele ia dar era assobiando. Ai todo mundo ia acabar com todo mundo. [SIC] (Informação verbal, Maria Pedrosa Urugureudo. Aldeia Meruri/General Carneiro - MT. 2023).

6. Considerações finais

Pressupondo que a realidade da sociedade ocidental é marcada por contradições que expressam uma essência concreta e multideterminada, e que a base das relações sociais são as relações sociais de produção, considera-se que as violações de direitos dos povos indígenas manifestem contradições entre o que é postulado e garantido em documentos nacionais e internacionais de direitos humanos, e o que é efetivado pelo Estado brasileiro nos termos das políticas públicas e da efetividade na garantia e na fiscalização dos territórios indígenas, o que evidencia um cenário de constrangimentos ao Bem Viver, afetando as diversas concepções de existência, ressignificadas na trama social (Pechincha, 2015). Além disso, considerando que no contexto dos povos indígenas, os direitos ambientais e os direitos humanos devem ser considerados como indissociáveis, visto que a limiaridade entre o humano e o não humano, no bojo de suas concepções, envolve uma relação ecológica/agroecológica de existência, em que se torna inconcebível as convencionais divisões entre sujeito e paisagem, sujeito e objeto, natureza e cultura – paradigmas ocidentais que precisam ser repensados a partir de uma perspectiva de descolonização do pensamento científico.

Nessa perspectiva, Carlos Rodrigues Brandão (2007), ressalta que mais do que em outros casos, a produção do conhecimento passa por uma relação subjetiva que estabelece uma dimensão social e uma dimensão afetiva, pois a pessoa que fala, fala para outra pessoa.

Assim, nas vivências, realizar uma descrição densa dos ditos e não ditos, dos acontecimentos e das explicações, sejam elas amparadas pela tradição, pela interpretação, pelo “tempero”, acrescentado pela natureza, ou pela vontade dos(as) ancestrais.



REFERENCIAS

- AGUIAR, Carla Maria Zamith Boin. **Justiça Restaurativa no contexto universitário:** caso da Universidade Dalhousie – Canadá. 2019. 188 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- BORDIGNON, Mário. **Os Bororo na história do Centro-Oeste brasileiro: 1716-1986.** Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo.** Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRANDÃO, Aivone Carvalho. **O museu na aldeia.** Campo Grande: UCDB, 2006.
- BRANDÃO, Aivone Carvalho. **O museu na aldeia:** comunicação e transculturalismo (o Museu Missionário Etnológico Colle Don Bosco e a aldeia bororo de Meruri em diálogo). 2003. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. Aije: a expressão metafórica da sexualidade entre os Bororo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 37, p. 183-202, 1994.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. As casas na organização social do espaço Bororo. In: CAIUBY NOVAES, Sylvia (Org.). **Habitações indígenas.** São Paulo: Nobel; Edusp, 1983. p. 57-76.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. **Mulheres, homens e heróis:** dinâmica e permanência através do cotidiano da vida Bororo. São Paulo: Edusp, 1986. (Antropologia, 8).
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. Paisagem Bororo: de terra à território. In: NIEMEYER, Ana Maria de; GODOI, Emilia Pietrafesa de (Orgs.). **Além dos territórios:** para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 229-250.
- CAIUBY NOVAES, Sylvia. **The play of mirrors:** the representation of self as mirrored in the other. Austin: University of Texas Press, 1997. (Translations from Latin America Series).
- CAMARGO, Gonçalo Ocho. **Meruri na visão de um ancião Bororo:** memórias de Frederico Coqueiro. Campo Grande: UCDB, 2001.
- CLASTRE, Pierre. **A fala sagrada:** mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. Campinas: Papirus, 1990.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). **Encarte Pedagógico V.** Poran-
tim, Brasília, p. 3, 2015.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). Relatório – Violência contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2017. Brasília: CIMI, 2018.

DAVID, Aivone Carvalho Brandão. **Tempo de aroe:** simbolismo e narratividade no ritual fúnerário Bororo. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

ENAUREU, Mário Bordignon (Coord.). **Mano:** um ritual Bororo e uma experiência didático-pedagógica. Cuiabá: Seduc-MT, 1995.

GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 13-36, 2000. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882000000100002>

GONZALES, Juan E. Manuel Scorza: Mito, Novela, História. In: **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p. 205-221. (Entrevista).

KOTSCHO, Ricardo. **O massacre de posseiros:** conflito de terras no Araguaia-Tocantins. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Apresentação. In: ALBISSETTI, César; VENTURELLI, Ângelo Jayme (Ed.). **Encyclopédia Bororo.** v. 3. Campo Grande: Museu Dom Bosco, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Saudades do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MARX, Karl. **O Capital:** crítica da economia política. Livro 1, v. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARTINS, Edilson. **Nossos índios nossos mortos.** 3. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **De l'usage des médias en temps de crise.** Paris: A. Moreau, 1979.

MATTUCK, Artur. **Uma literotopia para a altersciênciа.** São Paulo: USP, 2022.

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Pensamento prudente para uma vida decente.** São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-709.

PECHINCHA, M. T. S. O suicídio karajá fora da lei: reflexões acerca da vinculação entre norma civilizatória e vontade de existir. In: **CONGRESSO DA REDE LATINO-AMERICANA DE ANTROPOLOGIA JURÍDICA**, 9., 2015, Pirenópolis. Anais [...]. Pirenópolis: RELAJU, 2015. p. 1-20. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=33cbad177e0a2ab6>. Acesso em: 2 mar. 2023.

PYELITO KUE, Guarani-Kaiowá de Pyelito Kue/Mbarakay. **Carta da comunidade Guarani-Kaiowá de Pyelito Kue/Mbarakay-Iguatemi-MS para o Governo e Justiça do Brasil.** 2012. Disponível em: <https://cimi.org.br/2012/10/24005/>. Acesso em: 26 ago. 2017.



RCHA, Nilton J. R. **A cidade das palavras (insubmissas): comunicação popular e globalização compartilhada.** 2020. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2020.

TALGA, Dagmar. **Boé éro (vida da gente).** Cor, 19 min. Son. DVD. 2022.

TALGA, Dagmar. **Boé maragoduréu (gente trabalhadora).** Cor, 7 min. Son. DVD. 2022.

TALGA, Dagmar. **Boé pegáre tumorído (vencendo desafios).** Cor, 12 min. Son. DVD. 2022.

TALGA, Dagmar O.; ROCHA, Nilton J. R. Mídia e agrotóxicos no agronegócio do capital, envenenamento humano e simbólico do planeta. **Razón y Palabra**, Quito, v. 20, n. 94, p. 770-790, 2016.

TUPINAMBÁ, Nice. **Lideranças femininas falam do papel da mulher em comunidades indígenas e quilombolas.** O Liberal, Belém, 8 mar. 2023. Entrevista concedida a Gabriel Pires.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais.** São Paulo: Cosac Naify, 2015.

ANEXOS

MUGA MARIA PEDROSA URUGUREUDO – POVO BOE (BORORO)

Tradução Boe (Bororo): Idelfonso Boro Kuoda – Povo Boe (Bororo)

[SIC] (Informação verbal, Maria Pedrosa Urugureudo. Aldeia Meruri/General Carneiro - MT. 2023)⁶. Eu me chamo Maria Pedrosa, em português, na minha cultura, na minha tradição, na minha origem, eu me chamo **Urugureudo**. É sempre bom ter gente aqui buscando experiência, buscando conhecimento, buscando as pessoas que não conhece pra poder conhecer, pra poder saber viver, falar, não só olhando assim no filme, na TV. Mas assim presente é muito mais forte. As vezes vocês já me conhecem por aí, ou já escutaram meu nome, mas nunca me viram, não me conhecem. E agora esse momento, de nós tamo tudo unido aqui, me conhecendo, sabendo quem eu sou, que etnia eu sou. Buscando a sabedoria minha, pra poder levar pra frente. Eu fico muito feliz, eu gosto muito disso. Porque que falo isso? Porque nossos antepassados eles acabaram sem deixar uma coisa clara assim, porque?

Porque não sabem transmitir o conhecimento deles, e quem transmitia a língua bororo, também não sabia direito. Então tem muita coisinha que ficou assim, mal dá pra entender. E por isso agora, que eu, as pessoas que vem atrás de mim, procurar, saber se as crianças daqui, se os meninos, como são. O que eu sei eu passo, o que eu posso ajudar, eu ajudo.

Porque um dia eu não vou tá mais aqui, um dia eu não vou poder tá falando o que posso falar hoje, porque ai vem os netos, bisnetos, que precisa também de saber. Precisa conhecer, precisa entender, precisa saber a grandeza que que uma etnia Boe Bororo tem. Porque Bororo não é Bororo, é Boe. Mas assim, 'pra dar conhecimento pra aquele povo, puseram Bororo. Mas não é Bororo, é Boe. Então a gente assina Boe Bororo. Porque Boe é original, e Bororo foi pra conhecer aquela etnia. E até hoje continua desse jeito. Só acrescentemos mais o Boe. Boe pra todos, pessoas, gente. Bororo é um pátio daquele central ali. Aquilo ali que chama Bororo, aquilo lá. Pra nós chegar aqui, por isso que falo, essa terra, é abençoada, por Deus e Nossa Senhora. Que na nossa cultura, na nossa tradição, também tem Deus e Nossa Senhora. Que

⁶ Gravação e Transcrição realizada pela autora com tradução de Idelfonso Boro Kuoda, da Palestra proferida por Maria Pedrosa Urugureudo, na roda de conversa no dia 15 de setembro de 2023, como parte da programação da Disciplina Geografia e Comunicação, ministrada pelo PPGE/UFG em parceria com o Coletivo Magnífica Mundi e o PPGHDL/FFLCH – USP, de 14 a 18 de setembro de 2023, na Aldeia Meruri, Município de General Carneiro/MT.



Deus ele se chama **Pemo** na nossa língua. E nossa Senhora, o primeiro nome dela é? O que quer dizer **Arogiareudo** uma mulher de luz. Uma mulher em forma de uma luz. Por isso que essa terra é abençoada por Deus pra Nós Boe. Todos que vem aqui na nossa terra toma nossa agua, ela sai daqui abençoada. É uma agua santa, é uma agua santa. E nunca mais esquece de nós. Então cada um de vocês vai prestar atenção se eu to falando a verdade.

Quando eu falo da minha cultura, da minha tradição, do meu povo, eu não só conto ela, eu vivo ela. Eu vou viajando ela. Como é bom demais recordar os tempos passados. Como é bom demais saber quem eu sou, é bom demais saber quem foi meu pai, quem foi minha mãe, quem foi meus avós, meus avôs. Bom demais. Hoje eu também sou avó, hoje também tô falando aqui.

A nossa chegada foi aqui nos **Tachos**. Aí que os Bororos chegaram, os Boe chegaram aí. Eles vieram de lá, de Goiás. Chegaram aqui na Barra do Garças, e atravessaram o rio pra cá. Naquele tempo os Bororos eram guerreiros, hoje não vê mais Bororo brigar. Bater, mata ninguém. Hoje viremos umas pessoas tão devotos que não tem coragem de matar mais nenhum mosquito. Mas até aí, viemos e vivemos desse jeito. Uma tia minha conta que aquele morro de Barra do Garça, ali naquele Morro tem um buraco, na pedra, de fora a fora, que foi aonde os Bororos atravessaram pra esse lado de cá, correndo dos povos que vinham guerriando com eles. Porque que eles fizeram isso? Naquele tempo era muita gente, então tinha um grupo que cuidava das mulheres, crianças, outro grupo ficava guerriando. Esse grupo que ficava guerriando, que se chama **tugobaigare, tugobaigareuge**.

Aí tinha esses que cuidavam das mulheres, esse grupo aí que atravessou nós pra cá. Desse morro, diz que tá lá, eu nunca fui lá pra ver. Ai de lá atravessaram pra cá e vieram acampar aqui nos **Tachos**. Ai foi aí que a missão Salesiana chegou procurando os Boe, aí começou outra vida nossa dos Boe. E foi também a visão dos Boe, bem aqui nos Tacho.

Ai o que aconteceu? Esse povo que andava ao redor cuidando do Boe, descobriram que tinha gente diferente ali perto deles. Então eles se uniram, os chefes, eles uniram o povo, conversaram, trocaram as ideias, marcaram a hora de atacar eles, acabar com todos eles que tavam ali. Ai quando foi a noite, teve um sonho, sonhou com Nossa Senhora auxiliadora, que era essa mulher luminosa que eu falei no começo. Que ela tava com o filhinho dela no braço, e esse filhinho dela era bem pequeno. Ai então ela pediu pra ele, no sonho dele que ele não matassem esse povo que tava ali, que esses povo vieram pra morar com eles, que esse povo era os filhos dela, que eles não iriam fazer mal pra eles. Então não era pra eles matarem eles. No sonho ela conversou com ele, e, não foi em português não, foi na língua Boe. Ai no outro dia ele explicou

pro povo que ele tinha sonhado, mas já tava marcado a hora. Porque nós, na nossa cultura é assim, não tem amanhã, não tem outra hora, não tem depois, não tem. É sim, sim, não, não. Assim é a nossa cultura Boe, nossa tradição. E já tava marcado, então eles foram. Iam pegar a missão salesiana na mesa comendo, jantando. Aí os Boe cercaram eles, nós fala **Bakure**. Pra matar eles, e não deixar ninguém escapar. Aí ele pediu que ele fosse primeiro lá. Pra eles vê como que eles iam fazer. Aí ele ia dar sinal, ai todo mundo ia juntar pra pegar eles. E esse sinal que ele ia dar era assobiando. Ai todo mundo ia acabar com todo mundo.

Ai ele foi com mais outro grupinho lá pra olhar, quando chega lá ele já viu o quadro da Nossa Senhora lá na parede. Ele olhou assim e conheceu loguinho que era aquela mulher que ele tinha sonhado. Foi ela que falou com ele. Ai ele pegou e falou pra esses outros, mostrou pra eles, a lá, é aquela mulher lá que falou comigo no sonho. Então nós não vamos mexer com eles não. Eles aqui são filhos dela. Eles não vieram pra matar nós, acabar com nós. Eles vieram pra morar com nós. Então nós não vamos mexer com eles. Aí então ele não deu sinal, e quando o povo ajuntou, ai começou a intriga entre os Boe mesmo. Porque uns queria matar e esse outro não deixava. E foi aí que a divisão que eu falei. E tudo isso aconteceu pertinho, num é lá não. As pessoas que não aceitavam não matar a missão, somos nós que estamos aqui até hoje. E os que não gostaram, ficaram bravos, desceu e continuaram brigando, matando, desceram pra ai pra baixo.

E nós bem ou mal, estamos aqui. Por quê? Porque que tamos aqui? Porque nós quisemos seguir os conselhos de Nossa Senhora Auxiliadora, então bem ou mal nós estamos aqui, alegres, tristes, chorando, sofrendo, passando necessidades, mas tamos aqui. Porque esse lugar foi escondido por Deus pra nós. Então a gente não sai daqui. A gente vai passear, fica uns tempos fora, mas sempre volta aqui. Por exemplo, tem gente esparramado aí em outras aldeias, mas quando eles vê que tá chegando o final deles, eles já pede pra ser enterrado aqui. Porque nasceu, cresceu, viveu aqui no lugar dele. Não aceita ser enterrado lá. Então termina o funeral das pessoas aqui, que é daqui. Primeiro aqui na igreja, faz a missa, aí daqui vai pro cemitério. Porque somos todos crismados, e dizemos sim a Deus.

E aí essa história minha, eu quero que vocês guarde bem, porque isso não é uma história qualquer, é um fato acontecido, é uma história verdadeira. Não é mentira, não é invenção, é uma coisa real. Por isso tamos aqui até hoje. Porque os Boe, não são gente de tá judiando a natureza, nós não gostamos disso. Porque nós somos a natureza, por causa disso que tem vários lugares,

com nome indígena, Boe Bororo. Porque? Por causa disso. Porque que tá acabando, não tem mais peixe, não tem bicho, não tem fruta, não tem palha pra fazer casa. A gente deixa aquele lugar, vamos procurar outro pra poder aquele que tá acabando, tornar reviver de novo. Pra ela não acabar pra sempre. Aí a gente procura outro lugar, e cada lugar que a gente ficamo, fica nosso rastinho, é o nome que tem no rio, no morro, na serra, na cidade, tudo lugar que os Boe passou. Cuidando, preservando a natureza. É muito bão falar nossa.

Pois é, é desse jeito. A prova tá aí, então vocês vê que tem várias cidades com nome indígena Boe, tem vários morros com nome indígena Boe. Esse morrinho que a gente tá aqui pertinho dele, também ele chama **Meruri**. Ela tem um significado muito forte pra nós. Que nem lá nos Tacho, esse homem que sonhou com Nossa Senhora, ele tá enterrado lá. Ele deveria ser santo a muitos anos, porque a religião católica surgiu alí naquela pessoa, naquele Boe Bororo. Esse Boe, ele era um **tugaregedo**. Tem uma metade que somos divididos, **Tugarege e Ecerae** sub-clã. Ele era um **paiwedu**.

Por isso eu procuro segurar firme, eu vou lá em baixo, mas eu volto e levanto de novo. Chega mês de maio eu quero tá presente na igreja, com frio, com calor, mas eu quero tá lá. Porque Nossa Senhora apareceu pra uma pessoa da minha Clã, um chefe da minha Clã. Quem sou eu pra desprezar ela. Enquanto eu tiver viva, eu tenho que buscar, eu tenho que ensinar, mostrar, passar pro povo, a grandeza que tem essa mulher, a fé que a gente tem nela, por amis que a gente tenha, nossa fraqueza. Mas lá no fundo do coração, tem aquele pequeninha fé. Porque ela já vem plantada desde quando é gerada na barriga da mãe. O nosso padroeiro, é o sagrado coração de jesus, e a nossa padroeira, é Nossa Senhora Auxiliadora.

Agora eu vou falar da grandeza da mulher, que na primeira geração Boe Bororo, Deus fez duas mulheres na nossa cultura, na nossa tradição. Essa mulher, uma chamava **Arogiareudo**. E a outra **Tóriatugo**. Então daqui surgiu os Boe, é daí que começa os Boe. Ai, Deus fez todas as coisas perfeitas, que nós falamos Pemo, como eu falei. Deus é Pemo. Ele quem fez as coisas direitinho, cada um no seu lugar. Então ele fez essas duas mulheres, **Arogiareudo** ela é **cera-redu**, **Tóriatugo** ela é **paiwédu** Então são essas duas mulheres que são as mães dos **tugaregedu** e dos **ceraredu** Esse foi a primeira geração do povo Boe. Porque meu pai, falou assim, minha filha eu vou passar as coisas pra você. Segura, um dia você vai ter que passar pros seus filhos. Porque não existe um chefe só, e por causa dessas histórias que os chefes queria matar um ao outro. Fica pra você, guarda, o dia certo você vai abrir quando os seus filhos tiverem precisando.

Então agora a pouco tempo eu comecei contar o que que aprendi com o meu pai. Meus filhos foram pra faculdade, eles foram formar, eles tão buscando mais ainda. E nós precisamos, porque as coisas mudam, porque precisa trazer uma UFG pra cá pra nós. Eu já to ficando velhinha, mas se der pra mim, eu vou estudar também. É muito bom aprender. Num é tarde pra aprender, estudar.

Então, voltando a história. Daí essas mulheres tiveram os filhos, cada uma com o seu poder. Essa aqui, o filho dela teve o dom com a varinha, ia perguntando pra lá, pra cá, as coisas iam se explicando pra ele. Esse de cá teve um dom de conversar espiritualmente outros que já se foram, eles levam e trazem recados daqueles que já foram e dos que tão aqui pra nós. Essas duas mulheres são muito forte. Por isso que existiu **Bari** existiu **Aróe Etawaráre**. O conhecimento desse aqui é diferente desse, isso da primeira geração do povo Boe. Porque a geração do Povo Boe é do fogo. Pena que ele não deixou a gente vê o olho dele, o pé dele, a mãe dele, mas a gente ouvia a voz dele. Diz meu pai que ele era tipo uma bola, uma pedra, chamava pra ver o assobio. Mulher responde gritando, “oi, **imireu**”, e o resto era o assobio. Os homens era no assobio também, ele assobiava e responde também.

Aí que vem o negócio que todo mundo fala, ele não trouxe todo mundo num dia só, foi um por vez. Pessoa chegou lá, ele fala pra ele: “vamo tomar banho? Lava seu rosto, lava sua boca, joga fora aquela primeira urina, aquele primeiro “**feses**” (falando de coco). “Não fica pro lado que o vento bate no seu rosto, nunca que você vai sentir a catinga, vai contra o vento, porque se você vai sentir, você fica fraco, fica mole, que fazer as coisa não tem o porquê”. Por isso que nós mulher, ensina nossos filhos desde pequenininho, ensina pra eles lavar o rostinho deles. Nossa pasta e escova vocês sabem o que é? Antigamente era **Kidoguru Aka**. É o brotinho da arvore do urucum esfrega no dente da criança, pra raiz do dente ficar firme, pra custar estragar. Tem gente que morre com os dentes bem bonito na boca, por causa dessa planta aí. Hoje em dia a gente não tem mais, hoje a gente usa pasta e escova.

Então, são coisas assim que vão ficando pra trás, mas não morre aqui dentro, tá vivo dentro de nós. É, como eu expliquei, nós não somos gente de ficar parado, e como tamo agora, tamo preso na cadeia, não podemos sair. A terrinha nossa ta marcada aqui e temos que ficar girando aqui dentro, nós não pode sair. Nós não tem aquela liberdade que a gente tinha no passado, hoje tamo presos. Mas a nossa cultura tá aqui, a nossa tradição ela não acaba, enquanto tiver um Boe

vivo, tudo ta vivo. Nasceu e vai morrer Boe. Não tem como mudar. A Cultura dele, o sangue dele, o cérebro, tudo dele é Boe. Por isso, que nós, as mulheres somos fortes.

Agora vou entrar na parte mais difícil, uma vida após a morte. Porque pra nós, a nossa vida não se acaba, ela vai, mas ela volta pra nós. Aí essa vida que foi e voltou, ela fica com a mãe das almas através da cabacinha. Aquela cabacinha, ela tem que ser bem cuidada, como se fosse aquela pessoa ta viva ali dentro de casa, um respeito muito grande, um cuidado. É mesma coisa ela tá viva, presente aqui com nós. Vem vento, vem chuva, a mãe alembra dela, as cabacinhas. Tá fazendo frio, embrulha ela pra ficar quentinha. Tá calor, abre pra tomar um ventinho. É uma vida depois da morte, que ela vai e volta. Ela tá ali, junto ali. O consolo por exemplo de uma mãe igual eu, o meu consolo, dos meus filhos que já se foram, é aquelas cabacinhas que tá comigo, meus filhos se foram mas eles tão comigo através da cabacinha. E eu me sinto muito feliz, de ter eles comigo de volta. E isso se chama **Aróe Etúje** – mãe das almas. E por educação, por respeito, todos que conhecem, que entende, tem um respeito muito grande com a mãe das almas. Eles chamam nós de **Muga**. Porque nós somos as mãe das almas, temos a cabacinha com nós. Eu mesmo, comigo eu tenho 10. Eu me sinto muito feliz com essas 10 pessoas comigo na minha casa. Se eu mudar daqui por exemplo, lá pra Barra, ou lá pra **Tadarimana**, por aí, primeira coisa é no colo. Não é enfiar eles pra lá, não. É aqui no meu colinho, com carinho, com cuidado, é com amor. Carrego todos eles no meu colo. Eu não quero que eles caem, que assusta. Então é comigo, abraçado, juntinho comigo. Onde eu vou dormir, cadê meu lugar? Junto comigo. É uma tradição, e quanto mais a gente véve a cultura, é muito bonito, é muito forte.

Tem muitos de nós que não sabemos a grandeza de cada um de nós aqui. Então nós não damos valor nas pessoas nossa. Porque nós não conhece, não sabe. E pra mim falar, assim, explicar, é raro, é difícil. Difícil porque eu trabalho na saúde, eu não tenho tempo. Vocês tiveram sorte porque tô de férias.

Por isso, a mulher Bororo, como eu falei da cabacinha. É fácil falar, cabacinha. Mas essa cabacinha ela surge lá no funeral, quando morre a pessoa, como agora nós temos um lá em **Tadarimana**. Eu vou dar um exemplo: daqui de nós que eu fiz com o meu irmão. A gente colheu ele lá no cemitério, no cesto grande, aí ele ficou lá na minha casa. E como é meu irmão, eu fico de luto, a minha porta é fechada, não deve abrir. É fechada direto, dia e noite, e as pessoas de fora tem um respeito muito grande, porque ali tem um cadáver ali, tem uma pessoa. Enquanto ela tá ali, nós fala **aróe**.

O primeiro quando a gente enterra o finado, quando começa o **aróe**, ele se chama **tamigi**. Eu vou contar o que dói no meu coração, eu vou contar. O primeiro **aróe** que sai quando a gente começou, vai fazer o funeral, ele saí convidando todo quanto é espirito, quanto é alma que tá enterrada nesse mundo Boe Bororo. Então ele sai gritando, triste.

Ele abre os braços assim, **Tamigui, Tamigui, Tamigui**, rodiando os Bororo. É o início do Funeral pra um Boe Bororo que tá enterrado ali. Daí vem, vai fazendo, vai marcando, os **aróe**. Cada **clã, subclã** faz o seu movimento, faz por aquela pessoa que tá ali, ela se doa pra aquela pessoa, é um amor, é um carinho. Aí vai fazer tudo aí, tem as danças né, é bonita as danças que fazem durante o funeral. Mas não se deve fazer ela de qualquer movimento, qualquer coisa, não. Porque ela é sagrada, naquele momento.

Se você for fazer ela sem ser naquele momento, você tem que ta com o remédio aqui, porque tá faltando com respeito com a dança, com a cultura, com a tradição. Ai terminou todas as danças, que um mês fazendo tudo isso aí. Aí o chefe ele faz o **wadódu, o wadódu** é como: fulano de tal, você que vai fazer minha urna? Na minha língua mais caipira, é cachão. Você vai fazer meu baco. Ai essas pessoas vão fazer, trançar. Aquelas pessoas vão chegar no mato, vai buscar palha. Não é assim, tem que escolher a palha, tem que ver qual da palha que você vai cortar. Aí corta ela, cada uma faz a sua parte. Terminou, embrulha, guarda, não deixa de qualquer jeito não. Porque o Povo fica esperando. Terminou, daí marca aqueles três dias do funeral.

Por que tem as danças no Funeral até chegar esse dia? Porque a pessoa que tá enterrado ali, ela tá no meio do povo ainda. Pra ela não se sentir sozinha, a gente faz aquelas danças. Tem a pessoa que representa ele. Ele sempre a o primeiro da fila, toda a noite ele é o primeiro. Aí o povo atrás dançando pra fazer ele ficar alegre, pra tirar ele daquela tristeza, daquela saudade, daquele desespero. Então tem esses movimentos aí, até chegar o Funeral.

Por isso que eu falo, falar cabacinha é fácil, o difícil é na prática, o sentimento, no pensamento, é dolorido, mas no final, ela se torna, assim, um consolo, uma paz, uma vida nova.

Aí eles começam, a pessoa fala com a mãe que ta responsável por aquele finado, que fica toda as coisinhas dele. Nós falamos **Baito**. Ali dentro fica o cadáver da pessoa e todos os pertences dele. É arco, é flexa, é rede, é roupa. Agora, como agora, é calçado, é tudo que pertencia aquela pessoa, fica ali no **Baito**. Ai quando vai fazer as danças, daí pega, aquele **baquitézinho** não fica num saco. E aquele **bakitézinho chama Kódo Kigadu**. É a primeira urna da pessoa. Ai eles avisam essa mãe, que tá responsável pelo finado. Vocês tão precebendo a grandeza da mulher,

o trabalho da mulher. Porque as urnas quem faz é as mulheres, essas três que falei é mulher, não é homem não. Essa cabacinha que to falando, é muito dolorida caçar uma cabacinha. Representar o seu irmão, seu parente. Por isso não é qualquer cabacinha também não. Não é não. A gente procura aquelas cabacinha mais dura, porque tem umas que é fininha, e quebra. Tem que ser aquela firme, que tenha aquele biquinho, porque ele vai representar uma alma, um espirito, então tem que ser firme, tem que ser forte.

Por isso que ele se chama **Aróe Ekuie Poari**. Por quê? Quando eles forem caçar com a alma daquele finado que tá lá, a pessoa que tá representando ele, nós falamo **Iadu**. Ele tem que ir com aquela cabacinha no pescoço. Por exemplo, meu marido é pai das almas, igual eu sou a mãe. O pai dele todo lugar que ele vai com essa cabacinha no pescoço, o pai ta junto. Cantando, chorando, porque ele tá fazendo a mesma coisa quando era vivo. Que é assim que ele fazia, caçando, pescando, pra mãe dele comer, beber um caldinho, comer uma carninha, um **baku**, agora ele ta caçando uma pessoa que ta representando ele, carregando ele nessa cabacinha. Então o pai dele vai atrás chorando, cantando. Todo lugar que ele vai, no rio, na lagoa, no mato, o pai tá atrás. Pra voltar pra aldeia, de longe a gente escuta, o pai dele vem lá na cabacinha, chorando. A mãe já sabe que ta chegando, fica pronta esperando. Por quê? É a mesma coisa que ela fazia quando ele tava vivo. Ela corre, ela não espera ele chegar não. Nossa costume é correr ao encontro dos nossos filhos, dos nossos maridos, quando eles vão chegando com alguma coisa, não espera eles chegarem dentro de casa não. A mãe sai correndo encontrar, pega as coisinhas e leva lá no **Baia**. Ai os Bororo canta, dança. Porque? Ele cansou, as vezes um marimbondo pegou ele, uma **tucanguira**. Pra poder pegar aquele peixe ou aquele bicho, aí as pessoas canta naquele bicho. Ai cabou, ai a mãe das alma vai limpar, aí se tem algum filho ou parente, ajuda limpar, tirar escama. Mas pra cortar tem que ser eu, ninguém pode cortar, só eu. Porque tem as partes certa de cortar. É o que vai pro **baito** é o que vai pra quem matou, e, é o que vai ficar com a mãe que sou eu.

Um exemplo, nós temos nossos filhinhos, tudo do bom e do melhor é pra eles, nessa hora, a melhor parte vai pra eles, lá no Baito. Porque lá no Baito, aquela pessoa que tá responsável pelo finado, é quem vai comer aquela caça, aquela pesca. Mas não é ele que tá comendo, espiritualmente, é aquele finado que ta comendo. Então tudo do bom e do melhor, primeiro lugar, lá.

Tá prestando atenção, é porque dói aqui, do finado Padre Ochoa. Porque ele sabe tudo, ele pediu. Cabo o movimento, cabo o alimento lá, as vasilha volta lá pras mãe das alma de novo.

Antes de lavar, põe lá de novo. Cabo, lava e guarda. Nunca deixar sujo, amontoado. Porque aquelas vasilhas era do finado, não pode deixar elas de qualquer jeito. Não pode deixar criança, gente mexer, é somente a mãe. É uma responsabilidade muito grande, porque se acontecer alguma coisa com essas vasilhas, com o finado. Ai vem a cobrança, justo pra mãe. Aí a mãe que fica doente, ou então o pai fica doente, ou então o filho fica doente. Por quê? Todo cuidado de respeito com as coisas deles. As vezes não é ele, é outras pessoas, mas como é pai e mãe. Por isso é uma coisa muito forte, tudo isso é pra cima de quem? Da mulher. Por isso que eu falo sempre: a mãe das almas ela se torna mãe da humanidade. Tamos aqui, vivo, e mãe dos espíritos das almas dos que já foram. Por isso que no caso, que não tem chefe, não tem ninguém, uma mãe das alma responde igual cacique. Por quê? Porque ela é mãe de todos. Então ela é forte, ela é grande. As mulheres, nós temos uma força muito grande, muito grande. Na nossa etnia Boe Bororo.

Essa aqui é minha irmã, ela tá com 70 anos. Ai nós duas voltamos a ser criança de novo. A gente canta, a gente conta história, a gente lembra do passado. Ela vai recordando pra mim, eu vou recordando pra ela. Tudo isso cai no funeral, e, sabe quem padece, quem entende, só. Porque tem que ser muito forte, porque se você não tem uma mente forte, você não aguenta não. Que é dolorido. É igual pregar Jesus na cruz, nós mulher com tudo que ele deixou pra nós.

Quando nós nascemos, nós temos a cerimônia do batizado. Ixi, é alegria. A mãe tá gestante, o pai já começa a caçar pena, as coisas que vai ser usado no batizado. E quando vai morrer é a mesma coisa, é doloroso demais. É muito doloroso. Mas é bonito. A gente carrega o amor que a gente tem pelo outro.

Meu pai cada irmãozinho que minha mãe tem, ele chamava o Finado Bari. Vamos matar Arara, outra hora ele que chamava meu pai. Naqueles tempos o finado Bari tinha cavalo. Dava um cavalo mansinho pra meu Pai, e ele montava ne outro. Vamo lá naquele morro que chamava Morro da janela. Ai eles iam pra lá, daí meu Pai trazia buriti, fazia buraco nela, trazia bambinha, ponha aquele rabo de arara amarelo, e rabo de arara vermelha, e ele se chamava **Marégua**, esse que ela tá falando. Aí, põe no saco, põe no **bakité** pra não estragar, quiabinho, trazia pra nós comer. E, trazia pena pra fazer esse enfeite original. **Pariko** a mulher dele fazia farinha também. Lá em casa só meu pai que fazia, minha mãe não fazia não. Braido não quer que ele vai mais, Braido brecou ele ir lá, nunca mais foram. Lá cada Clã fazia seus enfeites. Meu pai, era bonito o do meu pai. Meu pai era **Bokodori**. E, eu achava bonito o **pariko** nosso.



No tempo dela aqui, fosse igual no meu tempo, ela sabia muita coisa. Porque era é a primeira filha do meu pai e da minha mãe. Só que foi logo nesse encontro da Missão com os Boe, que era proibido. Ai hoje ela sabe um pouco. Tem certas coisas que a gente procura deixar pra trás. Por causa disso que eu falo, eu fiquei pelas metades, eu não falo corretamente português, falo mais ou menos. E por outro lado, eu não falo Boe também. Quando eu tava no internato da missão, domingo a gente ia fazer visita em casa. Aqui eu acostumei falar papai, mamãe. Aqui eu tive que aprender, tinha que falar. Ai chegava em casa, ia falar bença mãe, bença Pai, meu pai já era bruto comigo. Ai em casa tinha que falar Bororo, não aceita falar português de jeito nenhum. Ai eu vinha pro colégio, não podia falar Bororo também, e se, falava Bororo já leva castigo, ficava sem almoçar, eu passei fome mesmo. Chega lá em casa se fala português lá em casa, já leva castigo também. Ficou ruim pra gente.

Quando a gente tava internado aqui, tinha muito estudante que era não índio, interno aqui com nós. Filho de fazendeiro que morava aqui perto vinha de cavalo. E se via a gente falando diferente, eles corria na assistente, ai a gente era recolhido, porque falou Bororo, falou na sua língua. Por isso que eu falo, como a gente sofreu, a missão também sofreu, eles recebiam ordem pra fazer isso. Por outro lado ficou muito bom porque a gente aprendeu, a gente procurou introizar direitinho com a missão salesiana. Até hoje a gente gosta muito deles. Nós quer ele junto de nós, quem não quer missão, caça outra aldeia. Mas meu pai não deixava a gente falar português, aqui é assim, lá é lá. Ele falava, você não é Braido, Braido é não índio. Você é Boe, você tem que falar na sua língua, porque eu não sou macaco, eu não sou bugio. Bugio que chama pai na nossa língua, então eu falar pai, eu to xingando ele. Tinha que falar **iogwa**. **Iogwa** é pai. E, naquele tempo, eu não conseguia falar português, então eu ficava muda e chorava. Naquele tempo eu tinha uns 7 anos, por ai.

Voltando a conversa, ai, quando chega a passagem eu falei que é igualzinho o batizado, o final também. O crânio da pessoa é feito com pena de arara vermelha. Preparando ele ali, ele vai chegar lá na nossa aldeia grande, enfeitadinho. Ele vai fazendo a passagem dele, bem arrumadinho, bem preparado, lá pra nossa aldeia. Ai tem aqueles momento triste também, e, esse já não é só nós mulheres, os homem também. Que são aquela parte da gente riscá a gente.

Quando a gente perdeu uma irmã antes dela aí, meu pai toda madrugada, que criança acorda cedo, meu pai levantava, ficava com cabacinha assim, pequenininha. Cantava, chorava, cantava, tudo no lugar onde minha irmã passava. Agora o tio Batista, como a filha dele já era

grande, mocinha, ele cantava todo dia, da casa dele pra cá. Ficava andando na porta da igreja com cabacinha, cantando, chorando, fazia todo dia. Finado Batista igual meu pai. Batista pai da finada Ângela. Essa é a parte dos homens, agora das mulheres, é todo dia de madrugada, ela grita com aquela voz bem forte, e chora na língua. Todo dia de madrugada. Porque no costume do Boe Bororo, num é costume dormir até o sol sair não, madrugada tem que tá todo mundo de pé. Então naqueles momentos ela chora, e de tarde de novo, ela chora, até terminar. É muito doloroso, mas é muito bonita, é uma tradição que não tem igual, é uma Cultura muito forte, muito bonita. É uma cultura quanto mais bebe ela, mas você vê a grandeza. Você conhecendo, você sabendo a Cultura do Boe, você vê como que um Boe ele é único bem forte no meio de muitos.

Meu pai falava assim: olha a gente veio desde a geração. Aquele nenezinho que nasceu sadio, alegre, nasceu forte, ou ele nasceu doente, você sofreu com ele. Ele mamou, fazia uma pesca, um mingauzinho pra ele crescer. Ai ele cresce, ele caça, ele pesca, ele trabalha, aquilo tudo é falado. Como na igreja quando falece uma pessoa, ai o Padre fala, a fulana foi isso, falou assim, fez isso. Nós também temos o nosso, que a gente faz num **Marenaruie** tudo que a pessoa fez do dia que nasceu até aquele dia que ele morreu. A gente fala a vida dele até o fim, se ele é caçador, se ele é pescador, se é esperto, se brinca, se corre. Fala a vida dele, então no funeral, a gente faz esse **Marenaruie** chorando. Quando é pra pescar e caçar, a gente fala o **Marenaruie** alegre. É desse jeito.

Quando a mãe das almas, ela morre, ai aquelas cabacinhas que ela carregava, aquelas pessoas que era responsável dela, tem o direito de procurar outra mãe pra dar continuidade nas cabacinhas, daquele dia pra frente. Agora quando uma pessoa responsável da cabacinha morre, a mãe fica né, mas o filho vai. Ai a cabacinha que era representante daquele que morreu, vai tudo junto. Queima, vai junto com ele. E, como não pode ficar ímpar, daí o povo faz outra cabacinha nova pra aquela mãe. A mãe ta viva, não acabou o tempo dela, acabou do filho, da mãe não.

Hoje pra essa nova geração, em casa, eu falo assim pros meus netos: antigamente a gente aprendia ouvindo, olhando, prestando atenção. Hoje tem esse negocinho aqui, sabe escrever, é facinho aprender. Eu converso com eles em Bororo, não sabe, não entende, procura entender.

Não sabe, pergunta. Não pode ter medo de errar, não pode ter vergonha de falar errado, porque é ali o caminho de aprender. Aprender falar. Então eu tiro sempre uns dias pra ta dando esse tipo de palestra pra eles.

Vou falar dos meus filhos quando eu tive eles. Meu pai chegava em casa, e pegava eles, cantava com eles, soprava eles, soprava. Porque esse Deus te abençoe aí, pra nós é soprar. Soprando que a pessoa tá abençoando. Aí vinha conversar comigo na língua.

Aí o pai das minhas crianças é mestiço, a mãe é Borora e o pai é branco. Então ele não cresceu junto de nós, ele cresceu na fazenda, trabalhando pra fora. Ele falava assim pra mim: “aqui dentro da nossa casa, eu não aceito você conversar na língua com esses meninos, com os meus filho não. Com seu pai, tudo bem, mas com os meus filho, não. Porque que eu não aceito, eu não sei o que vocês tão falando. Não sei se vocês tão falando bem de mim, mal. Não aceito não, de jeito nenhum”. Ai então, esses guri cresceram falando quase nada na língua. Agora eu ele faleceu, agora eu falo com eles. Nunca é tarde pra aprender. Quer aprender, vamo aprender junto. Quer saber, vamo saber junto. Vamo andar junto, pra aprender junto, e seguir junto e levantar junto.

Meu netinhos tô ensinando eles diferente, euuento historinha pra eles, é um Bakaro. Aí eles fica interessado, fica quietinho, e, euuento, euuento. Mas eles pedem em português: “ah vó, não sei o que a senhora falô, não entendi nada”. Então agora vocês vão falar igual eu contei pra vocês, conta pra mim agora.

É assim que to tentando agora, eu mesmo com os meu netos, pra ver se eles começam a guardar coisa na cabeça. Eu falo pra eles que tem que levantar cedo. Mas esse é difícil. Tem que levantar antes do sol sair, porque? Porque o sol já vem queimando tudo, então você tem que tá de pé, pra tudo aquele mal, aquela coisa ruim que tem em você, o sol queima, você passa o dia forte, sadio.

Outro, você nunca deve dormir um sono pesado, dorme, mas com sono leve, porque a gente nunca sabe que hora o inimigo vem, que é agora 24 horas por dia, nós sabe disso.

Outro, aí ensina eles a fazerem o sinal da cruz, que é em Bororo também. Meu pai falou pra mim: “um dia não vai existir mais **Bari**”. Bari é Pagé. “Não vai existir mais nada dessas coisas, mas esse sinal da Cruz, ele é mesma coisa do **Bari**”. Então tem que fazer sinal da Cruz.